

O DESPERTAR

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOCTRINA
Fundado pelo Movimento de Revigoração da Igreja

Director — LEOPOLDO DE FIGUEIREDO

Redactores: João Soares Carvalho e Júlio Duarte — Redacção: Calçada das Lages, 6-Lisboa — Administrador: Joaquim de Pina Cabral
Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira



Naqueles dias de há seis anos...

Renovação

No Salmo próprio para a Oração da Manhã no Domingo da Septuagésima, lemos:

«Envias o teu Espírito e são criados, e renovas a face da terra.»

(Salmo 104: 30)

Este salmo constitui formoso comentário devocional às lições do Velho Testamento para esse dia, ambas referentes à actividade criadora de Deus. Ora essa actividade criadora é essencialmente *também uma actividade renovadora*.

Na «nova criação» de que Jesus é a cabeça (como Adão fora cabeça da primeira), Deus do mesmo modo continua a renovar, isto é, a tornar robusto, viçoso, pujante, aquilo que criou, quando nos gerou de novo pelo poder de Seu Espírito. E' este o ensino de S. Paulo, ao escrever a Tito sobre o Baptismo, instrumento e selo da regeneração: «Deus... salvou-nos... pela lavagem da regeneração e renovação do Espírito Santo».

Essa renovação todavia não se fará sem a nossa cooperação; de resto a «regeneração» é, de algum modo, obra de um momento; porém, a «renovação» é a obra de todos os dias, é a obra de uma vida inteira. Por esse motivo S. Paulo exorta com insistência os fiéis: «Renovai-vos no espírito do vosso entendimento» (Efes. 4: 23); «vestistes-vos da nova natureza que se renova em conhecimento segundo a imagem do seu Criador» (Col. 3: 10). A renovação implica ainda, como é evidente no contexto dos passos que acabamos de citar, um aspecto negativo — o *crucificar* da carne com as suas concupiscências, o *despir* ou *despojar* da velha

S EIS anos se passaram, desde que se reuniu em Vila Nova de Gaia a «Conferência de Estudos em prol da Igreja». Seis anos! Nesta época de corridas de velocidade e estagnação de ideias, de movimentos intempestivos e paralisias de reacção, em que o tempo voa e estaca, cativo para os cativos, febril para os febris, o tempo foi seguindo — «remido» para aqueles a quem Cristo remiu e a quem S. Paulo aconselha sempre: «Remi o tempo, pois que os dias são maus».

Havia naqueles dias energias estuantes, ânsias generosas que era necessário orientar, canalizar, catalizar, com prudência de amor; com visão de conjunto; com insatisfação fecunda pelo passado, insatisfação respeitável; com respeito pelos pioneiros; com a intenção de honrar os Pais pondo a render a sua preciosa herança, em vez de fazer como o «servo mau» da parábola dos talentos.

Se dentre os recentes clérigos, os jovens procuraram comunicar aos mais velhos a sua juventude, estes procuraram por sua vez, inculcar aos novos, na lição da experiência que se não improvisa, o sentido de proporção e de equilíbrio, sem o que todo o organismo fraqueja e até o edificio se arruina e a máquina se desconjunta. E o espírito de equipa, entre novos e velhos, entre clérigos e leigos, entre os principais responsáveis e os seus preciosos auxiliares, foi até ao fim.

Tanta harmonia se sentiu que até se comparou a cantigas as alíneas do programa... E que bom é cantar, com entusiasmo e devoção, com registo de som e entradas a tempo!

Falámos de clérigos e leigos, e muito a propósito vem falar das duas sortes de «eclesianos»: eclesiásticos e seculares. Que precioso filão é o trabalho do leigo! E como é indispensável o escavar do clérigo para aproveitar o filão, que sem estímulo ficaria para sempre inerte e soterrado!

Desde tempos imemoriais a insensatez humana, que até na Igreja pode surgir, tem prejudicado a vida desta, tanto criando o predomínio de uns como o de outros, ou a indiferença do clero pela actividade laica, ou a estulta intromissão do leigo na função do clero.

Na intimidade dos nossos trabalhos preparatórios tudo decorreu como se não existisse qualquer linha divisória entre uns e outros, Todos desejávamos, todos colaborávamos, todos servíamos. Houve um plano quinquenal, que não teve plena realização, em grande parte porque não puderam os responsáveis pela almejada execução obter toda a boa vontade externa e os meios atinentes à sua completa execução. E todavia, se nem tudo quanto se planeou pôde ser levado a efeito, Deus nos deu bençãos que não estavam previstas nos nossos planos, ou que os ultrapassaram.

NOTAS E COMENTÁRIOS

Comemora este número de «O Despertar» a Conferência de Estudos em Prol da Igreja (CEPI), realizadas em Gaia no alvorecer da 2.^a metade do século XX (Janeiro de 1950) e que se propunham estudar as possibilidades de activar a expansão da Igreja Lusitana, procurando nas suas origens e na sua tradição, bem como na sua forma evangélica, torná-la cada vez mais identificada com o clima português. Não partiu a ideia de um grupo, facção ou partido dentro da Igreja, pois isso não existe nela. Tudo o que podemos dizer é que cerca de uma dúzia e meia de membros da Igreja Lusitana, entre clérigos e leigos, se reuniram à volta de uma mesa, e sem quaisquer particularidades especiais que os ligassem, a não ser o grande Amor pela sua Igreja, pois a inscrição era inteiramente livre e havia sido feito um apelo geral, se propuzeram discutir assuntos de palpitante actualidade, ainda que sem qualquer preocupação de carácter oficial.

A imprensa, as missões, o aproveitamento dos leigos, a assistência, as escolas diárias e dominicais, a liturgia, a música litúrgica e a hinologia, a protecção da criança, dos anciãos e das viúvas e revisão dos cânones e até a organização da Igreja e ainda outros assuntos, foram focados com toda a liberdade de discussão e de opinião. Trocaram-se ideias, especularam-se filosoficamente vários problemas, sempre num ambiente dinâmico de realizações práticas. Certamente, houve pontos de vista diferentes; sem dúvida, houve assuntos tratados sob ângulos diversos. E graças a Deus que assim aconteceu. Os objectos não se conhecem bem se os observarmos só por uma das suas faces.

Todavia, se estivessem observadores estranhos, pouco habituados ao desassombro com que pessoas conscientes de si-próprias sinceramente procuram a verdade absoluta por entre as diferentes verdades que se lhes apresentam, pois aquela é a média geométrica destas, pensariam talvez que haveria divergências entre os seus membros e até partidos dentro da Igreja, que assim se encontraria dividida.

Que absurda e errada seria tal conclusão. A Igreja Lusitana não tem espírito de seita. Todos obedecem ao Sínodo (assembleia soberana presidida pelo Bispo, ou por quem o represente, e em que o clero e o povo estão democraticamente representados em número igual), todos respeitam e seguem a mesma liturgia, todos aceitam os 39 artigos da Igreja, todos recitam os Credos com igual Fé, todos têm como Pastor o seu Bispo, todos têm Cristo como o Verbo incarnado, todos se sentem dentro da sua Igreja. Na unidade, pois, da certeza das grandes verdades, não há em absoluto divergência alguma. O que os seus membros têm, seguindo os princípios do Evangelho de Cristo, e que Santo Agostinho resumiu na máxima que a Igreja Lusitana escolheu para seu lema, o que eles têm é liberdade, ainda que disciplinadamente, de discutirem

certos assuntos de Fé e Ordem. Isto lhes dá acuidade de pensamento, movimento de concepções, dinamismo, alma.

Estas reuniões da CEPI foram de real fruto, de grandes resultados. Congregações houve que, após os ensinamentos na CEPI adquiridos, movimentaram os seus leigos, intensificando a sua acção missionária. O Boletim «O Despertar» tem saído continuamente desde então, instruindo, ensinando, sendo o porta-voz duma revigoração da Igreja, e indo buscar aos Reformadores de 1880, e à tradição da Igreja Lusitana, a força da sua convicção. Em algumas Igrejas a Comunhão dominical vem sendo praticada com visíveis frutos na santificação dos crentes. E, que diremos mais? Certamente nem tudo em que se pensou, que se discutiu ou que se resolveu, se fez, se realizou. Mas nada se perdeu. E as sementes que não puderam ainda frutificar, se tiverem um dia que desabrochar para a vida, sairão da terra mais seguras de si mesmas, mais fortes. O tempo de espera lhes dará melhores condições, melhores oportunidades.

Que Deus inspire os obreiros da Igreja em tudo aquilo que beneficie o trabalho da sua missão. Que à CEPI se sucedam outras Conferências de Estudo, ajudando-nos assim no conhecimento dos problemas da Igreja e a encontrar os meios de fazer chegar a todos os recantos de Portugal a palavra sacrossanta do Mestre Divino, numa Igreja Católica, Apostólica e Evangélica, mas não atrofiada pelo despotismo de Roma.

Um dos assuntos que muito se discutiu nas reuniões da CEPI foi o estudo do aproveitamento dos leigos. Na Igreja Lusitana, aliás, reflexo do que vai por esse mundo cristão, tanto Reformado como até Católico-Romano, o problema da valorização dos leigos é duma oportunidade cheia de interesse. A Igreja deve aproveitar nas missões os membros consagrados e, de entre estes, os mais dotados, com maior cultura, nas próprias congregações para cooperadores directos, lado a lado, do ministro, e não apenas para o substituir, quando em férias ou por doença.

Na Igreja Anglicana, Igreja onde naturalmente vamos beber muita coisa, como irmã mais velha e mais experiente, pensa-se presentemente que se deve ir mais além: julgam que seria útil elevar ao diaconato e ao presbiterato os elementos leigos, que mais se notabilizam por uma preparação sólida, por qualidades de estudo, e dons especiais de pregação e consagração. O ministro teria assim, não apenas ajudantes, mas cooperadores voluntários com igual autoridade sacramental. Mais facilmente estes se responsabilizariam pelos vários departamentos da Igreja, libertando assim coadjutores que iriam servir outras congregações onde a falta de pastores «full time» tanto se faz sentir.

Nas missões os leigos, mesmo os mais modestos em ensinamentos teológicos, têm um papel especial. Mais em contacto com o mundo exterior, eles são como a tropa de choque, a guarda avançada da Igreja. A gente que atende as missões, por vezes inculta, mal preparada, sem sensibilidade espiritual, sente, ouve, atende melhor aqueles que lhe parecem mais próximos deles social e profissionalmente.

Foi igualmente ventilado na CEPI a necessidade de se organizarem missões móveis, que se instalariam em casas alugadas, dirigidas por leigos licenciados, e que após algum tempo, um ano ou mais, se deslocariam para outros lugares, fazendo ingressar os crentes dessas missões na Igreja Mãe. Diogo Cassels, no Norte, teve a iniciativa destas missões volantes. O povo dava-lhes o nome de «coros» porque naturalmente se cantavam muitos hinos com o fim de chamar a atenção das pessoas.

É necessário, pois, que as Igrejas tomem a sério o trabalho das missões. Uma Igreja que não missiona, dá mostras de falta de vida, de falta de vigor, de entusiasmo, de Fé. Uma Igreja que não missiona, acabará sempre por morrer, pois falha num dos mais importantes papéis do seu trabalho, isto é, o estender a sua acção aos bairros limítrofes da sua área, àquela gente que, se não lhe levarmos o Evangelho até dentro de suas casas, dificilmente entram numa Igreja, tal o seu indiferentismo, tal o seu afastamento das coisas espirituais.

As Escolas Dominicais foram também objectivo cuidadoso das Conferências da CEPI. Um dos assuntos apresentados mostrou que, em algumas Igrejas, os instrutores da E. D. não estavam à altura da elevada missão de ensinar, havendo por conseguinte a necessidade imperiosa da criação de escolas normais. É necessário não esquecer, todavia, que as escolas dominicais são o efeito extraordinário e o fruto do ensino da Igreja Reformada. O congresso a que assistimos em Birmingham, em 1947, foi um belo curso de psicologia infantil, em que nada foi esquecido. Casos como o apontado acima da falta de preparação dos catequistas são excepções sem dúvida que só mostram que não devemos descurar nem por um momento a preparação dos professores. Os Católicos Romanos, que até aqui têm ensinado a sua catequese de uma forma fria, mecânica e fazendo decorar a doutrina pelas crianças, que a ouvem sem interesse e sem compreensão, parecem estar a querer emendar a mão, graças a Deus. O livro «Catequese» do Bispo de Febiana, D. António de Campos, assim o mostra.

O Catolicismo Evangélico da Igreja Lusitana

Extracto de uma carta

A melhor atitude para com Roma é a que decorre de uma apreciação justa de valores, e jamais de ódios recalcados. E, se for necessário combatê-la, deve-se fazê-lo com as suas próprias armas, isto é, chamar-lhe a atenção para a *sua própria doutrina e legítimas tradições*, e mostrar-lhe onde e como se afastou delas. Por exemplo: fala Roma de S. Pedro como a Pedra sobre a qual Cristo fundou a Igreja? E invoca Santo Agostinho, São Bernardo e S. Tomás como suportes de tal ponto de vista.

Pois vejamos, então, o que escreveram esses venerandos padres, e outros «católicos», sobre o caso. Eis, para começar, como se exprime S. Agostinho nas «Retratações»:

«Em certa página disse eu do Apóstolo Pedro que, sobre ele, como sobre a PEDRA, fora edificada a Igreja; mas me lembro também que muitíssimas vezes depois expuz desta forma as palavras do Senhor: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja»—que, por isto, se devia entender o que Pedro havia confessado, quando disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo; isto é, que Pedro, apelidado por este, *pedra*, representasse a pessoa da Igreja, que foi levantada sobre esta pedra; porque Cristo não dissera: Tu és *Pedra*, mas: tu és *Pedro*. A pedra era Cristo.»

Vemos, portanto, que S. Agostinho, que «a princípio» encarava com certa simpatia o fortalecimento da influência dos Bispos de Roma sobre os demais Bispos da Cristandade, ele próprio se retrata de haver avançado de mais nesse sentido, explicando que a PEDRA sobre que seria edificada a Igreja não era o Apóstolo, mas a «Grande Verdade» que ele confessara—isto é, o reconhecimento da filiação divina de Jesus.

E Orígenes diz ainda: «Se nós também... confessarmos que Jesus é o Filho do Deus Vivo, também a nós será dito: Tu és Pedro, porque Pedra é todo aquele que imita Cristo». São João Crisóstomo,

nas Homílias 19 e 20 (resumidas por S. Tomás de Aquino na «Catena Aurea»), expõe a mesma doutrina.

Não havia, pois, nos primeiros séculos, um poder *central* dominando toda a Igreja. Em 374, por exemplo, o povo de Milão elegia como seu Bispo a S. Ambrósio, ordenado e sagrado em uma semana, sem que o Bispo de Roma fosse consultado, ou mesmo avisado. Por outro lado, nesse mesmo século, o Bispo romano Libório aderiu à forma do conciliábulo de Sirmio, sem que o restante da Igreja o acompanhasse na heresia.

Só mais tarde, paulatinamente, o poder papal se foi firmando com o apoio do poder temporal, tendo que enfrentar a resistência crescente dos melhores homens da Igreja, como por exemplo o cisterciense São Bernardo, chamando o «papa» Eugénio III à «consideração» atenta da sua função de *servidor*.

«Então quê?!—escreve ele—Não me negas a presidência e proíbes-me que domine? Tal qual. Preside como servo solícito. Preside tu para providenciar, preside para guiar e aconselhar, preside para salvar, preside para seres de proveito... Faze assim, e não pretendas dominar homens como homens, se não queres que te domine a ti toda a injustiça... Não há veneno pior do que o engodo de dominar.» (De Consider. Liv. III, cap.1, 2).

Aí têm os católicos, para devidamente meditem, a resposta às mais descabidas pretensões, com as próprias palavras desses grandes católicos, que tanto veneram. E os protestantes, em vez de caírem a ferro e fogo sobre tudo o que é católico, melhor seria se soubessem fazer justiça aos valores positivos do catolicismo, chamando a atenção dos próprios católicos para a verdadeira doutrina católica, definida pelos seus maiores, que eles na prática refutam, dizendo entretanto professá-la. Por

isso repito o que já tenho dito: o que importa não é criar igrejas novas; cai-se com isso na fragmentação cada vez maior do grande corpo místico de Jesus, que é a Sua Igreja Universal. O que importa, sim, é uma «Reforma» como já o dizia o Santo Arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, principalmente quando, no Concílio de Trento, soltou a arrojada frase, que repercute na História da Igreja como uma clarinada vibrante, capaz de dar vida aos ossos secos no vale de Josafate: «Saltem transmontanos!». E se, a este Bispo Católico-romano, acresentarmos as vozes do Padre António Pereira de Figueiredo, que traduziu a Bíblia para um português castiço como só ele o sabia escrever; e que, além disso, ainda escreveu «Iniciação» e «Tentativa Teológica», obras teológicas de acentuada índole reformadora, além de outros trabalhos que talvez o próprio Lutero não desdenharia de subscrever; após tudo isto, que mais precisaremos acrescentar?

E que dizia A. Herculano, também católico? Com que coragem ele arremeteu contra credices ridículas, como o milagre de Ourique, atraído por isso contra ele os ódios de um pseudo catolicismo fanático e energúmeno? E ele amava, de facto, a sua Igreja, embora não lhe endossasse os desvios. Eis como se exprimiu certa vez: «Não se toma a fortaleza divina (a Igreja); mas pode ser dominada e aluída por uma guarnição desleal».

O protestantismo extremou-se na defesa da sua posição reformadora. Respondeu à injustiça com a injustiça, revidando golpe por golpe, dente por dente; e viu depois que as suas armas se voltavam contra si mesmo, ferindo-se na própria carne; e as cisões se multiplicaram com mútua acrimónia. Por isso, após o arranco inicial, não mais fez avanços de monta. Em Portugal, por exemplo, estamos aproximadamente como há cinquenta anos. E se a Igreja Lusitana está mais forte, é porque soube melhor, embora ainda timidamente, pôr-se ao nível da alma católica do povo, pregar verdadeiramente uma «Reforma» e propôr, não uma igreja nova, mas a restauração da velha Igreja Peninsular, com sua Fé, seu rito, seu sistema de culto, sua dou-

CEPI = Crise Renovadora

A nossa atenção é não raro despertada por movimentos de agitação processados nas instituições a que andamos ligados, movimentos que alteram a sua vida normal, e as colocam no estado chamado de *crise*.

Essa crise poderá ser classificada em três categorias: a crise *renovadora*, a crise *desagregante* e a *falsa* crise.

Na primeira, a instituição vê por momentos alterada a sua fisionomia, padece de choques internos entre as várias doutrinas concorrentes à orientação da vida comum, e, produzida, tarde ou cedo, a resultante das forças em acção, a instituição apresenta-se mais jovem, mais consciente dos seus fins, mais dinâmica na realização dos mesmos.

Na crise desagregante, a instituição desorientou-se, as opiniões em conflito nada têm de comum a limitá-las, os grupos fixam a sua obediência a fins divergentes, e a cisão, ou a fragmentação, vêm a ser o seu produto final:

Na falsa crise, a agitação é passageira, nada teve de sério a determiná-la, nasceu de qualquer acidente perturbador ou de qualquer espírito irrequieto, os quais, vistos no seu insignificante valor, vieram a ser reduzidos ao silêncio, ficando tudo como antes, salvo em perda inútil de energias.

* * *

Decorreram seis anos sobre a **Conferência de Estudos em prol da Igreja**, realizada nos recintos da Paróquia de S. João Evangelista, Gaia, na Epifania de 1950.

Essa Conferência, de iniciativa particular, em que os leigos da Igreja Lusitana tiveram uma participação acentuada, marcou o início de um período de crise na Igreja, período que, tudo indica, começa a chegar a seu termo.

Os que nela tomaram parte poderão não se lembrar de problemas levantados, e das posições dos conferentes; mas de certo ficou no espírito de todos a ideia de uma agitação, de uma revisão profunda do comportamento geral da Igreja, de um desejo de clarificar

a sua origem histórica, de atentar mais nitidamente nos seus propósitos, e, talvez acima de tudo, de criticar a utilização dos meios divinos e humanos atinentes aos mesmos.

Não é vergonha confessar que as opiniões se chocaram então e continuaram a chocar fortemente, que o espírito de uns pareceu a outros revolucionário, que as intenções e posições de alguns tiveram de ser julgadas em função do dever geral de fidelidade à dogmática da Igreja; nem é vergonha dizer que entre os homens falíveis, que todos somos, houve barreiras de incompreensão e de orgulho; mas é glória verificar-se que, na agitação produzida, na batalha de ideias e sentimentos, nunca houve cisão de obediências — Cristo e a Sua Igreja (concretamente, a Igreja Lusitana) foram o amor por que todos se bateram.

Assim, a crise aberta pela CEPI (como no geito moderno se chamou à Conferência de Estudos em Prol da Igreja) não foi uma *crise desagregante*, o que Satanás teria querido ou insinuado a alguém.

E também não foi uma *falsa* crise.

Ninguém contestará validamente que a Igreja Lusitana apresenta hoje uma face renovada, que tem maior consciência de si mesma, que reforçou a sua coesão interna, e, entre Silas e Caríbedes, navega proclamando, sem falsa timidez, «a doutrina e a disciplina de Cristo, como esta Igreja tem recebido».

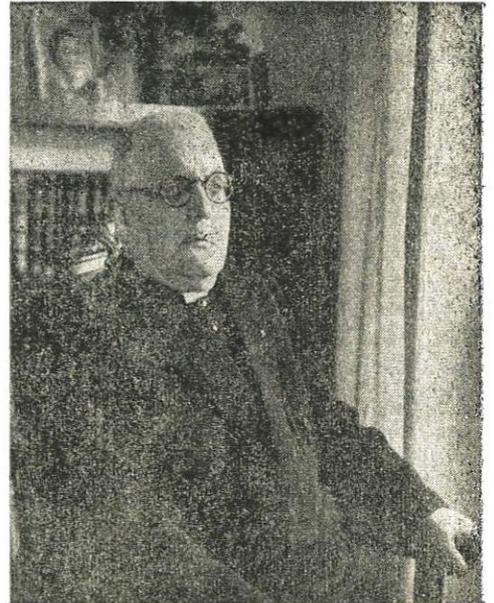
O tempo limou arestas, o amor acalmou paixões, os espíritos inter-influenciaram-se, e, se aos homens, que hoje são, fosse dado compararem-se com os outros homens, que eles mesmos ontem foram, muita surpresa haveria para alguns: com não pequeno espanto, reconheceriam ter-se batido contra ideias que talvez pensem agora nunca terem sido senão suas próprias.

São assim as **crises renovadoras**, são assim as agitações provocadas pelo vento do Espírito Santo, afinal, é assim que a Graça de Deus opera, a Graça a cujo altar os homens fiéis ajoelham.

Daniel de Pina Cabral

Rev. Armando Pereira de Araújo

Um das bodas de ouro, coroando uma vida que se debateu valorosamente na primeira linha de combate ao serviço da Igreja, é júbilo para todos os corações e não o deve ser menos para quem tão justa e fielmente as ganhou. O Rev. Armando Pereira de Araújo, Ministro da Igreja Lusitana do Bom Pastor, Candal, Gaia, acaba de perfazer, em 6 de Janeiro, 50 anos de trabalho, nesta Igreja, e tão devotamente feito, em prol da Reforma em Portugal. Entusiasta, movido por uma pura convicção da Verdade Evangélica, sentiu sempre dentro de si o ardor da luta.



Rev. Armando P. de Araújo

Escolheu como arma predilecta a pena, que usou e usa ainda brilhantemente com o vigor dum cérebro jovem. Distinguiu-se especialmente no jornalismo, tendo sido mestre na polémica com a Igreja Católica-Romana.

A Literatura Evangélica muito lhe deve. Não pode ser esquecida a sua acção na Biblioteca António Maria Candal, colectânea esplêndida de trabalhos das melhores penas do protestantismo de então, e nas redacções do «Bom Pastor», da «Luz e Verdade», do «Cristão Lusitano» e de outros mais.

«O Despertar» associa-se de coração à homenagem de gratidão dos seus paroquianos, desejando-lhe ainda muitos anos de vida ao serviço da Igreja Lusitana que, neste venerando Pastor, conta um dos seus ministros mais distintos e dedicados.

Factos mais notáveis da História da Igreja Lusitana até aos nossos dias

por: REV. JOÃO SOARES CARVALHO

(Continuação do número anterior)

O rei, a rainha e o legado do Papa, exigiram outra prova, a do fogo: lançaram-se simultaneamente numa fogueira o ofício romano e o da liturgia nacional. O manuscrito moçárabe foi retirado do fogo, intacto, o da missa romana ficou reduzido a cinzas.

A missa romana, contudo, impôs-se. E, não satisfeitos com a violência, entenderam os fanáticos escravos do Papa promover uma terrível e iníqua perseguição.

Por outro lado muitos dos nossos reis se opuseram às ordens do Papa.

D. Afonso Henriques opôs-se a que Gilberto fosse sagrado por um bispo estrangeiro, havendo em Portugal quem o podia fazer. E, para mostrar que prescindia de Roma, o monarca nomeava ou depunha os bispos, quando o julgava necessário.

D. Sancho I e os seus sucessores foram os grandes defensores da Igreja Lusitana. Tendo o Papa anulado o casamento da filha do monarca, D. Teresa, com D. Afonso, rei de Leão, o rei lusitano aliou-se aos noivos na resistência contra o clero romano. Roma vingava-se depois com a pena da interdição, terrível para esses tempos de trevas, que só acabou quando a rainha de Leão se separou do marido e deu entrada no mosteiro de Lorvão.

D. Afonso II foi «o primeiro monarca português que convocou cortes (1211), imagens das antigas assembleias dos Visigodos».

D. Sancho II, D. Afonso III e D. Dinis incorreram na ira dos papas e dos bispos por não terem anuído «a todas as pretensões de Roma, fazendo, pelo contrário, todos os esforços para sustentar os direitos da nação».

«No período que vai de D. Afonso IV a D. João I, houve na Igreja de Roma uma divisão, conhecida pelo nome de Cisma do Ocidente. (1378-1417). Por muitos anos houve dois papas, chegando mesmo a governar três, que se excomungavam mutuamente. O clero romano em Portugal era ignorante, imoral,

desordeiro e sanguinário: vendia vinho nas tabernas, cortava carne nos açougues, matava, roubava, jurava falso, padres casados declaravam que eram solteiros, etc.»

Assim Roma perdia a sua pujança. Um papa em Roma, outro em Avinhão e a certa altura um terceiro em Pisa! A Igreja resiste na sua sólida estrutura, mas no conceito social fica diminuída a autoridade pontifícia. «E' talvez em Portugal, (diz também o Padre Miguel de Oliveira), que menos se notam as consequências deste facto».

Depois do que fica exposto, não é difícil compreendermos porque razão «se notaram menos as consequências deste facto em Portugal»!

D. Pedro I instituiu o *beneplácito régio*, impedindo que se publicassem bulas breves ou quaisquer outros rescritos, sem permissão do governo.

«No reinado de D. João I, foi deposto, pelo concílio de Constância, o *santo* padre João XXII, papa cheio de vícios e de crimes».

Por estes casos, de entre muitos, podemos compreender quanto os nossos primeiros reis se opuseram a Roma e à sua ambição de absorver a Igreja Lusitana. Mas aqueles nossos soberanos resistiram a Roma e não fizeram caso das excomunhões papais, «por possuírem um pouco de educação visigótica, lendo ainda alguns deles naquela época a Bíblia!». Diz o Visconde de Almeida Garrett, a respeito de D. Afonso Henriques: «Dele referem cronistas que da Bíblia fazia sua ordinária leitura. Talvez hoje, no século XIX, se não reputasse tão ortodoxa esta prática como no século XI».

Muito poderíamos dizer, se o espaço nos permitisse, sobre os audaciosos projectos do Marquês de Pombal, então conde de Oeiras, no seu sonho de reforma da Igreja em Portugal, que foi, digamos, um dos maiores impulsos para a restauração da Igreja Lusitana.

O povo, porém, demasiadamente fanatizado e supersticioso, não

compreendeu a realidade duma reforma religiosa que atingia as escolas. Foram expulsos os jesuítas, mas Portugal continuou na escravidão romana e no terror deixado pelo Tribunal da Inquisição.

Aliada a esse homem enérgico que foi o conde de Oeiras, aparece-nos a figura erudita do teólogo padre António Pereira de Figueiredo, a quem Sebastião José de Carvalho e Melo encarregou de traduzir a Bíblia (Vulgata) em português e de escrever (1766), «com o fim de defender as prerrogativas da Igreja Lusitana» a TENTATIVA TEOLÓGICA.

Neste livro se mostrou que os bispos portugueses tinham tanto poder eclesiástico como o de Roma. Mas as trevas em que Portugal já tinha caído eram muito densas para que o ilustre ministro de D. José e o seu amigo Pereira de Figueiredo as dissipassem.

(Continua no próximo número)

Renovação

(Continuação da pág. 1)

natureza, do velho homem... E' o aspecto doloroso da questão, mas é fundamental.

* * *

Ao recordarmos a CEPI, os que a vivemos, os que gozámos as suas alegrias e chorámos as suas lágrimas, ficamos a pensar nas palavras do Salmo, «Envias o teu Espírito... e renovas a face da terra».

A CEPI foi bem o começo duma *Renovação da Igreja* que todavia continua. Mas essa renovação começou e operada pelo Espírito do Senhor, deveria atingir o mais íntimo da vida de cada um de nós. Consentiremos em ser renovados? Desejaremos ser renovados? E' afinal a grande tragédia de sempre, como disse o Senhor: «Quantas vezes quis eu... e tu não quizeste...» Renovemo-nos, todos nós, na contrição pelos pecados cometidos, na dedicação ao serviço de Deus, na valorização de toda a nossa herança católica e o Espírito de Deus renovará, por nosso intermédio «a face da terra,» da nossa Terra Lusitana.

Presbyterus Lusitanus

O Catolicismo Evangélico da Igreja Lusitana

(Continuação da pág. 3)

trina, seu sistema de organização, e sua História — que a tem, e gloriosa.

O erro principal de Roma tem sido a hipertrofia do poder central, estabelecendo uma hierarquia por demais rígida, que é a negação prática do poder unificante e aglutinador do Espírito Santo. Como surgiu aquele poder? Ele se foi definindo paulatinamente, como já dissemos. E, desde o início, vozes corajosas e eloquentes se foram erguendo, procurando prevenir o perigo que se pronunciava no crescente poderio do Bispo de Roma. Mas foi só no tempo de Carlos Magno que a situação se definiu claramente, e o triste panorama se desenhou em toda a sua crua e funesta realidade. A verdadeira origem do papado, portanto, no seu feitiço cesarista, resultou de um processo gradual e histórico, ligado às tentativas de restauração do Império Romano. O esforço máximo nesse sentido teve seu climax no ano 800, quando Leão III coroou Carlos Magno como Imperador e Augusto, a troco deste o haver reconduzido à Sé de Roma, de onde havia sido expulso pelo povo romano revoltado. Além disso, Carlos Magno confirmou-o na posse de todos os bens e territórios já conferidos anteriormente por Pepino Breve à Sé Romana, doações sancionadas pelo mesmo Carlos Magno, em 774, e Adriano I, o primeiro Papa-Rei, segundo o descreve Tagliatalata. Eis suas palavras: «... a balança se precipitou, apagou-se a lucicola bruxulante do bispo evangélico, e, na pessoa de Adriano I, apareceu o Papa-Rei...»

Mas, com Leão III, de mãos dadas com o novo César, esse hibridismo político-religioso, se define com toda a nitidez, e se foi fortificando mais e mais com o correr do tempo.

Eis aí o nosso principal argumento, para não estarmos dentro de Roma; porém estarmos dentro do catolicismo. E definido este princípio, sentimo-nos fortes, numa posição ao mesmo tempo justa e inexpugnável. Todos os males da Igre-

ja resultaram, pois, do consórcio carlovíngio da Roma Imperial com a Roma Episcopal. A isto me referi na última carta aí publicada. Instalou-se então na Igreja, como dizia Herculano, uma guarda desleal, que, só por um milagre da Divina Graça, ainda a não pôde destruir. Isto mesmo, mais ou menos, dizia o antigo e erudito Bispo de Viseu, Alves Martins, numa frase lapidar que aqui não reproduzo por ser forte demais.

Quanto ao mais, nem tudo o que

é doutrina católica, mesmo romana, está errado. E a Igreja Lusitana, sabendo agir com discernimento e sabendo separar o joio do trigo, e procedendo sempre com sabedoria, equidade e justiça, está destinada a promover uma verdadeira Reforma, que longe de tornar-se uma seita será antes uma reintegração da Igreja Portuguesa, mas nas velhas e legítimas tradições.

Euclides de Figueiredo

Naqueles dias de há seis anos...

(Continuação da página 1)

E não será sempre assim na vida? Nas ciências exactas tudo sucede como se previra; e se há alguma diferença ou margem é porque ainda não eram absolutamente exactos os axiomas em que se basearam os cálculos. Não é assim a vida, que não se mede pela máquina nem se comprime na regra.

Só quem nada faz se atreveria a julgar os factos de diversa forma.

Os planos foram ultrapassados, por exemplo, no número de «sudistas» idos ao Norte no Congresso nascido da CEPI; mas quanto à admirável hospitalidade dos nortenhos, os planos não foram ultrapassados, porque esta é proverbial e de nobre tradição.

Como «pensar é divergir», em razão da diversidade dos temperamentos e das formações pessoais, e orar é compreender — na «mente de Cristo», de que nos fala o Apóstolo, — se alguém saísse da CEPI sem fazer alguma coisa de concreto, de coeso e de alentado, é porque teria falado sem pensar e rezado sem orar.

Mas houve espírito de oração e a paternal procura de ajustamento de pontos de vista, mesmo quando mais vivaz foi a discussão.

E' um facto palpável que houve quem regressasse ao seu campo particular animado dum propósito mais firme e esclarecido, no tocante à acção beneficente. E há números que o demonstraram no decorrer do sexénio.

A nota missionária vibrou, não muito forte, mas foi desde aí ganhando força até ao II Congresso, que do programa da CEPI saiu. Uge já faz ouvir a sua voz, e já temos estendidas as mãos, de um lado e de outro, através do Atlântico.

Ao problema da Imprensa, aí ventilado, responderam os calendários, os ofícios de catequese, e este viçoso órgão, «O Despertar».

O princípio ecuménico foi nitidamente esposado desde então, com mais clareza de expressão do que em qualquer outro agrupamento reformado da nossa terra.

Um projecto de Cânones oferecido ao exame público e à discussão dos entendidos veio a iniciar a sua publicação; e a surpresa incómoda que trouxe a certos arraiais prova claramente o seu valor.

E tudo isso que foi possível iniciar teve origem num espírito de equipa bem compreendido, nesse espírito cuja virtude essencial, segundo André Maurois, é «a abnegação do individuo quando o êxito desse trabalho de conjunto dele depende».

Abnegação consciente e condicionada ao alvo comum, e não a anulação do individuo, que tudo fará naufragar, pois se o individualismo, de que tanto se sofre por estas paragens, é um grande mal, não o é menos a redução da pessoa humana a um autómato sem vontade e sem consciência da sua própria missão.



PELA IGREJA



I. de S. Paulo

FALECIMENTOS — Estão de luto o Dr. Leopoldo de Figueiredo e a sua família pelo falecimento, em 26 de Dezembro, da nossa irmã, Snr.ª D. Maria da Conceição da Costa Lemos, avó do nosso Director.

Foi distinta professora evangélica no Porto e depois aqui em Lisboa. Lecionou até à idade de 84 anos tendo partido para o Senhor com 99 anos. Poetisa de mérito, colaborou em vários jornais evangélicos. Membro activo da Igreja, teve, no seu tempo, um papel preponderante, tomando parte em actividades femininas, participando dos seus corpos gerentes, promovendo conferências etc.

A família enlutada enviam os colaboradores de «O Despertar» os seus sentidos pésames.

* * *

A Congregação de S. Paulo deu mais um passo na restauração do seu templo, amparada pelos braços amigos e dedicados da sua Sociedade de Senhoras que conseguiu entre membros e amigos a importância de quase nove contos para aquisição de um atril, um cadeiral duplo com estante e estrado, duas cadeiras para o Altar e seis genuflexórios, subordinados aos projectos do architecto Emílio Lino.

A obra tem linhas de requintado gosto que a cor de mogno queimado, já usada no púlpito, no contraste com o vermelho e o dourado dos veludos artisticamente ornamentados com galões e borlas, ainda mais enriquece.

A Junta e o Clero da Paróquia estão gratos à Sociedade de Senhoras, cabalmente presidida pela dedicada D. Maria de Araújo, e aos dois incansáveis irmãos, (consanguíneos e na fé) D. Marta Arroz e Sr. Ruben Pestana, assim como a todos os que directa ou indirectamente colaboraram.

Os elegantes móveis foram dedicados ao serviço de Deus no dia de Natal.

* * *

Com grande animação, realizou-se, no dia 6 de Janeiro pp., a tradicional festa do Natal em que foram distribuídos prémios às crianças das Escolas Diária e Dominical; os primeiros pela professora-directora do Externato, Snr.ª D. Maria Odette Soares Carvalho, e os outros pelas professoras da E. D., das quais também faz parte a primeira.

Conduziu e organizou a festa o professor-superintendente da E. Dominical, Rev. J. Soares Carvalho, que, entre recitativos e hinos por jovens e crianças, apresentou duas canções do Natal com músicas e letras da sua autoria.

Esteve ao piano o grande amigo das crianças, Snr. João Pinto de Carvalho.

No dia 17 de Dezembro tinha sido servido um chá com «sandwiches» e bolos a todas as crianças.

* * *

Singelamente consolador foi também o serão musical dirigido pelo Dr. Leopoldo de Figueiredo, na noite de 22 de Dezembro,

que constou de hinos do Natal, todos precedidos duma breve explicação. Houve um serviço litúrgico abreviado em que oficiou o Rev. Soares Carvalho.

I. do Espírito Santo e I. de Cristo Remidor

Foi pelo Sínodo nomeado pároco destas Congregações o Rev. Josué Ferreira de Sousa J.^{or}, substituindo o Rev. Eduardo Henriques Moreira que apresentara a demissão de Ministro dessas Paróquias.

O acto de colação teve lugar em ambas as Igrejas em 15 de Janeiro, tendo oficiado em nome do Sínodo, o Secretário no Sul, Rev. Dr. Luís R. Pereira. Ocupou os dois púlpitos o ministro cessante.

I. de S. Mateus

No culto vespertino do 3.º Domingo do Advento, foi feita a entrega solene da carta de leitor litúrgico e de sobrepeliz, aos dois jovens recentemente nomeados para aquele cargo, José Augusto Gomes dos Santos e David Payne Rodrigues Pereira; pregou o Rev. Eduardo Moreira, padrinho de baptismo do segundo novo obreiro. Nessa mesma noite foi inaugurado o novo genuflexório, adquirido com o produto da colecta levantada no «Culto de Saudade», realizado em 2 de Novembro passado.

«O DESPERTAR» NO NORTE

A abrir

Desde longa data, que tem havido entre as várias Congregações da Igreja Lusitana, no norte, frutuosas iniciativas de intercâmbio. Poderíamos recordar, entre outras, as visitas levadas a efeito às demais Congregações, pelo «orfeão» da Igreja do Torne em 1931; as realizadas pelo «Coro» de Igreja do Prado, em 1933 e depois em 1943. Porém em 1955 registaram-se várias iniciativas dignas de nota. Assim as jovens do Grupo Cénico do E. C. do Torne, efectuaram nos salões sociais das Igrejas do Bonfim e do Prado, duas interessantes festas familiares; as jovens do E. C. do Prado, também se deslocaram ao Bonfim, onde levaram a efeito uma festa familiar; o Grupo de Escuteiros da Igreja do Candal e o seu Chefe, num bom exemplo de boa camaradagem e intercâmbio, prestaram ao Grupo de Escuteiros da Igreja do Prado, notável cooperação e auxílio.

Registamos estes factos com muita alegria, e desejamos que estas iniciativas se intensifiquem, para bem das Congregações e um maior estreitamento de relações entre todos os crentes.

Rev. Diogo Cassels

Em 7 de Novembro, passou o 32.º aniversário da entrada deste glorioso Servo do Senhor, no seu descanso. Por esse motivo, realizou-se na Igreja do Torne

um serviço memorial, dirigido pelo Rev. Snr. A. Ferreira Fiador, tendo-se efectuado em seguida uma romagem ao Jardim-Parque, onde junto do seu monumento foram depositas flores e guardado um minuto de silêncio. Depois a romagem dirigiu-se ao Cemitério de Mafamude, tendo ficado juncado de flores o túmulo do grande obreiro do Evangelho, fundador das Igrejas do Torne e do Prado, e das Escolas do mesmo nome, que por muitos anos difundiram a luz da instrução por milhares de cidadãos de Vila Nova de Gaia e até doutros concelhos.

Num pequeno serviço religioso, foram dadas graças a Deus, pelo exemplo de fé, consagração ao serviço do Mestre e amor ao próximo, do Rev. Diogo Cassels. Nesta homenagem, tomaram parte, além da Congregação do Torne, a Associação dos Antigos Alunos das Escolas do Torne e do Prado, e ainda bastantes antigos alunos das duas escolas.

I. de S. João Evangelista — V. N. Gaia

— Foi nomeado, com alta classificação, assistente da Faculdade de Medicina do Porto, o nosso jovem irmão, Dr. José Manuel G. de Pina Cabral, a quem apresentamos sinceras felicitações.

— Esteve em Inglaterra a frequentar um curso de férias, a nossa irmã, D. Maria Emilia de Pina Cabral, a quem apresentamos os nossos parabéns, pelo diploma que conseguiu no Curso de Línguas da Universidade de Liverpool.

— Partiu para Moçambique, aonde vai exercer a sua profissão, o nosso jovem irmão Diogo Tavares da Rocha, para quem desejamos as maiores bênçãos de Deus e que Ele o acompanhe e guarde na sua viagem.

CASAMENTO: — Realizou-se em 17 de Outubro, nesta Igreja, o casamento do missionário evangélico, destacado em Uíge, Angola, sr. Fernando Barandas Gallas, com a Sr.ª D. Maria Claudina Gonçalves, filha do venerando Obreiro, sr. João Manuel Gonçalves, de Ligares. Foi oficiante o nosso Pároco que no fim da cerimónia litúrgica, dirigiu uma alocução aos noivos e aos convidados.

FESTA DAS COLHEITAS: — No Domingo, 23 de Outubro do ano findo, realizou-se nesta Igreja a tradicional Festa das Colheitas, com cultos divinos de acção de graças, de manhã e à tarde, os quais tiveram grande assistência, tendo as colectas rendido Esc. 1.075\$80. O templo estava ornamentado com grande número de ofertas, em frutos da terra e outros géneros alimentícios, que foram avaliados em Esc. 2.200\$00. Tanto o dinheiro como todos os géneros foram distribuídos totalmente por Irmãos pobres e casas de caridade da Vila e do Porto.

LIGA DE ESFORÇO CRISTÃO DE GAIA: — Em 7 de Dezembro findo realizou-se mais uma Festa Familiar, com a gentil colaboração do Grupo Desportivo de Sto. Ovídio, que apresentou 3 peças morais e humorísticas, para agrado de todos os assistentes.

— Também em 15 de Dezembro, a convite desta Liga, tivemos o grato prazer de

ouvir uma interessante Conferência proferida pelo nosso Irmão, sr. Samuel de Oliveira Coelho, membro da nossa Igreja e evangelista da Igreja Lusitana, que há pouco regressou de Angola, onde desempenha as funções de professor missionário na Missão do Dondi. Esta Conferência foi acompanhada de projecções luminosas, com lindos aspectos de Angola e do trabalho feito por aquela Missão, na verdade, notável. Todos os assistentes ficaram interessados e agradecidos àquele prezado Irmão, pelo que nos mostrou e disse do trabalho onde ele é missionário.

FESTA DO NATAL DA ESCOLA DOMINICAL: — Com grande alegria da petizada que frequenta as classes da nossa Escola Dominical, realizou-se em 30 do corrente, no nosso salão de festas, esta já tradicional festa de Natal. Foram entoados cânticos de louvor a Deus e representada uma peça própria da época, pelas nossas jovens, Elizete Soeiro, Maria Manuela Pires e Rosa Souto. No fim foram distribuídos brinquedos a todos os pequenitos que frequentam com assiduidade a Escola Dominical.

Missão de Cristo (Oliveira do Douro)

Continuam a realizar-se aos Domingos, às 10 horas, os serviços divinos nesta Missão da nossa Igreja.

Esforço Cristão da Igreja do Redentor

Esta antiga Sociedade de Esforço Cristão comemorou em 28 de Novembro mais um aniversário da sua reorganização, com um sugestivo programa. Por convite do seu Presidente, Rev. A. Arbiol, presidiu à sessão o Rev. Júlio R. Santos, que representava o E. C. de Monte Pedral e Lordelo. Estavam também presentes os representantes do E. C. do Mirante, do Torne e do Prado, e ainda o Grupo de Escuteiros do Prado, que se fez representar por alguns dos seus elementos. Do relatório lido pelo secretário-geral, Rev. Vidal dos Santos, destacaremos: Festas familiares, com a colaboração do E. C. do Torne e do Prado; excursão da Igreja a Vila Real e entrega ao Fundo Paroquial de cerca de 2.500\$00. As meninas Maria Alice Martins, Teresa Judite Costa, Deolinda Costa e o Snr. José da Costa, recitaram lindas poesias; a menina Adelaide Arbiol, executou ao piano belos trechos de música e o Grupo Coral de Bonfim também deliciou a assistência com alguns números, o que juntamente com os discursos proferidos, fez do aniversário do E. C. do Bonfim, uma festa muito encantadora.

Em 30 de Dezembro, realizou-se a festa da Escola Dominical a que não faltou o característico pinheiro ajoujado de brinquedos, que foram distribuídos pelas crianças, e ainda o cacau com bolo-rei, para festejar assim o Natal do grande Amigo das criancinhas. Dirigiu a festa o Rev. A. Arbiol, auxiliado pelo Rev. Vidal dos Santos e por dirigentes da E. D.

Igreja do Bom Pastor

Embora um pouco atrasado damos agora a notícia do enlace matrimonial do irmão Snr. José Peixoto. Após um ano de prova, foi admitido à Sagrada Comunhão, manifestando depois o desejo de que fosse invocada a benção divina para o seu lar,

que constituiu anos antes, de acordo com as leis da Nação. E' digno de nota o testemunho que este irmão, após a sua conversão está dando no seu lar, na Igreja e entre os seus amigos. Que o Senhor o abençoe ricamente e à sua esposa.

—O Grupo de Escuteiros 91, anexo à Igreja do Candal, realizou em 7 de Dezembro uma interessante Exposição de Trabalhos e ofertas recebidas. Funcionou também durante a exposição, um serviço de chá, que foi abrilhantado por um quarteto de salão.

HOMENAGEM — A Junta da Igreja do Bom Pastor, em silêncio e em família, promoveu, em 6 de Janeiro último, uma homenagem ao seu Pároco, Rev. A. Araújo, por nesse dia fazer 50 anos que entrou ao serviço daquela Igreja. Presidiu à sessão o Rev. Fiandor, trazido para o Evangelho, há perto de 60 anos pelo homenageado. Por um netinho foi descerrada uma fotografia, tirada há quatro anos, quando das bodas de ouro do seu casamento, e houve uns sentidos momentos de silêncio em memória da sua Esposa.

Aproveitamos a oportunidade para inserir nestas colunas algumas notas biográficas deste denodado obreiro, que tem sido igualmente um jornalista de fôlego.

Nascido na freguesia do Bonfim, Porto, em 3 de Agosto de 1881, neto e filho dos primeiros convertidos no Porto à Fé do Evangelho, por parte de sua mãe, sobrinho em segundo grau de Alexandre Herculano, Armando Pereira de Araújo fez a sua instrução primária nas Escolas Evangélicas do Mirante e do Bonfim. Foi dos mais premiados nas respectivas Escolas Dominicais.

Em 1898, fez parte da União Cristã da Mocidade do Bonfim onde, de secretário, subiu à sua presidência, durante o qual foi fundada a Missão Evangélica e de Caridade, a primeira obra de beneficência evangélica, instalada na Rua de S. Vitor, Porto, e depois na Rua de Sto. Isidro e Largo da Póvoa.

Em 1900, na entrada do século XX, iniciou a sua carreira jornalística no número único publicado pela União do Bonfim, com um artigo intitulado *Glória a Deus e a Portugal*. Este início tem continuado até aos dias de hoje, tendo colaborado em jornais seculares; em 1902, acompanhado pelos Revs. Fiandor e Martins, fundou *Luz e Verdade*; em 1906, publicou em Guimarães, um número único intitulado *Semana Santa*; colaborou no *Amigo da Infância*, e no *Cristão Baptista*, iniciando em 1907 a segunda fase de *O Bom Pastor* e dirigiu a *Biblioteca Candal* de 1908 a 1918. Em 1909 publicou um *Almanaque*; na imprensa secular, entre outros, colaborou no *Imparcial de Gaia* e no *Comércio de Gaia*; em 1922, assumiu a Direcção de *A Voz da Verdade*, de Viseu, até

1934, ano em que este semanário foi obrigado a suspender. Nessa altura toda a Imprensa provinciana e alguma do Porto e Lisboa, o convidou a ser seu colaborador, tal o prestígio que tinha conquistado. Porém recusou e resolveu somente colaborar na Imprensa evangélica, datando daí o apreço dos seus artigos em *O Portugal Novo*, onde mantém uma colaboração quase assídua e nos últimos anos em *O Despertar* e na *Ecclésia*. Nestes 56 anos de jornalismo cristão é difícil relembrar o muito que fica disperso por muitos jornais portugueses e estrangeiros.

Em 1900, foi um dos alunos de uma tentativa do Curso Teológico regido pelo Rev. Diogo Cassels, do que resultou pregar o seu primeiro sermão em Igreja, a 14 de Novembro de 1900, na Igreja de S. João Evangelista apesar de membro da Igreja do Redentor (Porto); em 1901 casou com D. Josefa Campos, esposa ideal para um futuro ministro evangélico, a qual muito o animou no seu trabalho, podendo dizer-se que durante 50 anos, foi uma autêntica missionária a seu lado; ainda em 1901, recebeu a carta de pregador licenciado da Igreja Lusitana, passando a alternar, na pregação na Igreja do Redentor, com o Rev. Flower. Em 1902, foi designado para aluno do Curso Teológico da Igreja Lusitana; em 1905 foi enviado como evangelista para a Missão da Igreja do Bom Pastor, em Guimarães, de onde transitou, em Setembro do mesmo ano, para a Missão da mesma Igreja, na freguesia da Madalena. Em 26 de Abril de 1908 foi instituído Diácono e, em 23 de Abril de 1911, foi ordenado presbítero.

A mocidade das Igrejas por onde tem passado tem-lhe merecido cuidados e atenções e isto o levou a iniciar uma literatura dramática com que procurou distraí-la e instruí-la. E' grande o número que tem destes trabalhos que pena é não tenham tido um editor e muitos já estejam perdidos ou pelo autor destruídos.

Igreja do Salvador do Mundo

A festa do Natal efectuou-se em 27 de Dezembro. Programa interessante e atraente.

«Auto da Natividade de Nosso Senhor», recitativos e projecções luminosas, muitos brinquedos e o tradicional café com bolos. 32 crianças pobrezinhas vestidas com roupas preparadas por jovens e senhoras da Secção Feminina do E. C. do Prado. Bem hajam aquelas que tão à letra cumprem o mandato do Senhor: Vestir os nus. Dirigiu a festa o Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral.

—Em 4 de Dezembro, o rol dos pequeninos da Igreja, foi aumentado com o nome de Augusto Gabriel Azevedo Duarte, que foi baptizado pelo Ministro Auxiliar, Rev. Dr. Pina Cabral.

—Em 5 de Dezembro, faleceu a estimada irmã, Snr.^a D. Maria da Rocha Fernandes Monteiro. Dirigiu o funeral o Rev. Dr. Pina Cabral. A seus filhos, Manuel e Joaquim Monteiro, apresentamos sentidos pésames.

Júlio Duarte

Devido aos seus muitos afazeres, o nosso Redactor do Norte, Snr. Júlio Duarte, teve necessidade de se afastar das suas actividades neste boletim.

«O Despertar» expressa aqui os sinceros agradecimentos pela sua actuação, que ainda abrange este número.

Leitor, deseja que o jornal continue? Faz-te AMIGO, compromete-te com uma quantia fixa por cada número publicado.